

MARCUSCHI E O *CONTINUUM* TIPOLOGÍCO

José Mario Botelho (UERJ)
botelho_mario@hotmail.com

RESUMO

Oralidade e escrita têm sido o escopo de muitas discussões ao longo desses últimos vinte anos, muitas das quais se mostram, porém, totalmente irrelevantes. Ora por se basearem em comparações equivocadas, tendo a escrita como sendo uma a transcrição da oralidade, ora concebendo-as como duas modalidades distintas da língua. Luiz Antônio Marcuschi contribuiu para que tal concepção inconveniente não se perpetuasse entre nós, ao esclarecer que "as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos" (MARCUSCHI, 2001, p. 37). De fato, a partir da noção de contínuo dos gêneros, fica evidente o equívoco cometido por muitos estudiosos do assunto, quando afirmam que a oralidade e a escrita são duas modalidades diferentes, fazendo uma verdadeira confusão entre uma das formas de textualização da fala (a conversação) com modalidade oral em si e entre uma das formas da escrita (textos acadêmicos) com a modalidade escrita. Logo, nesta oportunidade será mostrado que há mais semelhanças do que diferenças entre essas duas práticas linguísticas, apesar de suas características particulares, que se evidenciam quando seus produtos são dispostos num *continuum*, em que, numa das extremidades, se coloque a conversação como gênero prototípico da oralidade e, na outra, a dissertação acadêmica como gênero prototípico da escrita.

Palavras-chave: Marcuschi. *Continuum* tipológico. Fala. Escrita.

1. Introdução

Ao longo desses últimos vinte anos de estudos teóricos sobre a linguagem humana, mormente acerca da oralidade e a escrita, muito já se discutiu. O resultado de tais discussões, muitas das quais já se mostravam evasivas, atualmente deve ser descartado. Aqueles estudiosos se baseavam ora em comparações equivocadas, tendo a escrita como sendo uma a transcrição da oralidade, ora por conceberem-nas como duas modalidades distintas da língua.

Luiz Antônio Marcuschi (2001), seguindo outra linha de pensamento, difundiu a ideia de que oralidade e escrita são mais do que simples modalidades da língua; são, na verdade, duas práticas sociais com suas características próprias, mas que não se opõem, porquanto não

são propriamente diferentes e porque são produtos de um mesmo sistema linguístico: a língua.

Para que não se perpetuasse entre nós aquelas concepções inconvenientes: primeiro, que a escrita seria a transcrição da fala; mais tarde, que oralidade e escrita seriam duas modalidades distintas, o autor esclarece que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos” (MARCUSCHI, *idem*, p. 37). Assim, poderemos constatar que há mais semelhanças do que diferenças entre essas duas modalidades linguísticas, apesar de cada uma delas possuir características, que as particularizam, mas que não se opõem, e, como afirma Luiz Antônio Marcuschi, que oralidade e escrita são práticas discursivas que não concorrem, não competem, pelo contrário, complementam-se.

Tais semelhanças se evidenciam quando os diversos gêneros tipográficos da oralidade e da escrita são dispostos num *continuum* tipológico, proposto por Douglas Biber (1988) e difundido entre nós por Luiz Antônio Marcuschi (*Op. cit.*).

2. Mais do que modalidades, oralidade e escrita são práticas sociais

O ser humano normal é, de fato, um ser falante, sobre ser pensante, já que a prática oral é incontestavelmente efetiva no nosso dia a dia, apesar de podermos comunicar-nos de muitas outras maneiras, utilizando todos os sentidos (visão, tato, olfato) além da audição. A escrita é uma dessas formas não orais, de que o ser humano se utiliza para a sua comunicação linguística.

O advento da escrita, há uns cinco mil anos, realmente causou uma grande transformação na história da humanidade. Contudo, a palavra articulada oralmente não passou a segundo plano e não foi ameaçada pela escrita, que jamais prescinde da oralidade, a qual lhe é o sistema primário anterior e do qual depende. A linguagem oral, por sua vez, pode existir sem a linguagem escrita, como ainda hoje subsiste em culturas denominadas ágrafas, as quais não possuem uma tradição escrita.

De fato, como observou Luiz Antônio Marcuschi (em entrevista do dia 6/04/2011, Youtube), “mesmo hoje, numa sociedade como a nossa, em que a escrita entrou de forma tão violenta, mesmo assim, nós continuamos falando bastante e dando uma importância enorme à escrita”.

Também os estudiosos sobre linguagem até bem pouco tempo concentraram seus estudos especialmente nas produções escritas, dando pouca ou nenhuma atenção à oralidade.

Ainda hoje, a escrita se destaca entre muitos estudiosos acerca do fenômeno da linguagem, mas com o desenvolvimento dos estudos sobre linguagem e discurso, oralidade, escrita e letramento, uma nova concepção surge em relação à oralidade. O fenômeno oral tem recebido a atenção, que lhe é merecida, além de ser necessária.

Os estudos sobre letramento, que têm sido efetivos, têm como escopo a escrita e a oralidade, sem que uma prevaleça sobre a outra. Aliás, examinando o desenvolvimento social que se deu com a efetivação do uso da escrita nas sociedades modernas, é o relacionamento entre a linguagem escrita e a linguagem oral, e as suas consequências, o que constitui o foco de tais estudos.

Assim, a partir do ponto de vista de que mudanças estariam relacionadas às práticas do letramento, escrita e oralidade passam a ser encaradas sob uma nova perspectiva.

Na prática, o fenômeno do letramento extrapola a concepção sobre escrita das instituições de ensino. Porém, a preocupação das escolas, como a principal geradora de sujeitos letrados, tem sido com a alfabetização, a qual é apenas um dos tipos de práticas do letramento.

Na maioria das nossas escolas, por exemplo, a escrita ainda pretere a oralidade e cria nos alunos um verdadeiro, porém insólito, preconceito em relação às produções orais, as quais são tidas como o lugar comum das falhas gramaticais. Nessas escolas, oralidade e escrita não são vistas como duas variedades discursivas da mesma língua, cada qual com a sua importância e sua função dentro da sociedade. Não são vistas como saberes tradicionalmente fixados numa dada comunidade; se assim o fosse, a visão tradicional do que é correto ou errado seria outra, ou melhor, deixaria de existir, pois na língua há normas (observâncias de uso), mas não exclusivamente a norma culta ou padrão e a não culta ou não padrão. Todos os usos orais e escritos constituem padrões ou normas de um sistema linguístico e devem ter a sua importância reconhecida pelos responsáveis pela transmissão de conhecimento da língua. Por isso, Luiz Antônio Marcuschi (*Op. cit.*) ressaltou que, sob a perspectiva do letramento, é fundamental “considerar que as línguas se fundam em usos, e não o contrário”.

Assim, torna-se mais relevante, para os estudos sobre linguagem, esclarecer a natureza dessas práticas discursivas do que determinar su-premacias entre oralidade e escrita.

3. *Um pouco sobre a natureza da linguagem oral e da linguagem escrita*

Em trabalhos anteriores, ressaltamos que “oralidade e escrita têm suas características particulares” e que “apresentam particularidades de ordens diversas: lexical, morfológica, sintática e principalmente de registro”, mas que apresentam muitos elementos comuns, uma vez que são partes de um mesmo sistema de possibilidades discursivas.

Logo, não convém o estudo que se funda numa simples comparação entre oralidade e escrita, cujo escopo seja o de descrever semelhanças e diferenças entre elas, sem levar em consideração a multiplicidade dos seus usos no cotidiano das comunidades linguísticas modernas. Oralidade e escrita não são tão simplesmente duas modalidades da língua; são, sobretudo, duas práticas sociais. Ou seja, em seu dia a dia, ora o indivíduo falante se utiliza da oralidade – esta com maior frequência –, ora se utilizada da escrita.

De fato, oralidade e escrita são duas práticas discursivas que integram e se completam no contexto de todas as práticas sócio-culturais.

Wallace Chafe (1987), primeiramente procurou estabelecer as diferenças entre a linguagem oral e a linguagem escrita, apresentando uma proposta de análise dotada de certa adequação. Nela, a comparação se deu entre o protótipo da fala – a conversação – e o bilhete informal (que é o produto escrito mais afastado do protótipo da escrita); e entre o protótipo da escrita – o artigo acadêmico – e a conferência (que é o produto oral mais afastado do protótipo da fala). E isso é o princípio fundamental do “*continuum* tipológico”, de que vamos tratar mais abaixo.

Em outro trabalho (1987), em parceria com Deborah Tannen, os autores afirmaram que “diferentes condições de produção, assim como usos de diferentes intenções, propiciam à criação de diferentes tipos de linguagem” (CHAFE & TANNEN, 1987, p. 390). Eles demonstram, ainda, que a conversação comum é a forma prototípica de linguagem, a partir da qual se deveriam comparar todos os outros gêneros tanto da fala como da escrita.

Decerto, a intenção de Wallace Chafe, nesse estudo, foi a de demonstrar as propriedades da linguagem falada e da linguagem escrita. Para isso, lançou mão dos seguintes parâmetros: variedade de vocabulário, nível de vocabulário, construção de orações, construções de frases e envolvimento e distanciamento.

Com isso, caracterizaram-se as diferentes naturezas das linguagens oral e escrita.

Diferenças formais, funcionais e naturais de estímulo entre elas podem ser enumeradas numa comparação, em que se focalizam as naturezas características de tais modalidades. Contudo, não constituem modalidades estanques, pois tais diferenças se devem à condição de produção, cujo processo, porém, se dá a partir da língua, a qual “é um conjunto de possibilidades linguísticas, cujos usos se fazem de acordo com normas específicas a cada uma das modalidades”. (BOTELHO, 2005, p. 33)

Quanto às produções orais e escritas, Luiz Antônio Marcuschi (*Op. cit.*) assevera que há gêneros intermediários, cuja concepção é de forma gráfica, mas que são produzidos de forma sonora, e outros cuja produção é gráfica, mas que são concebidos sonoramente. O autor lembra ainda que há os que, embora sejam exclusivamente produzidos e concebidos sonoramente ou graficamente, são semelhantes a gêneros da outra modalidade.

Logo, não é a natureza falada da linguagem oral o elemento suficiente para distingui-la e isolá-la da linguagem escrita, como se pode constatar numa análise sob o ponto de vista de um contínuo tipológico.

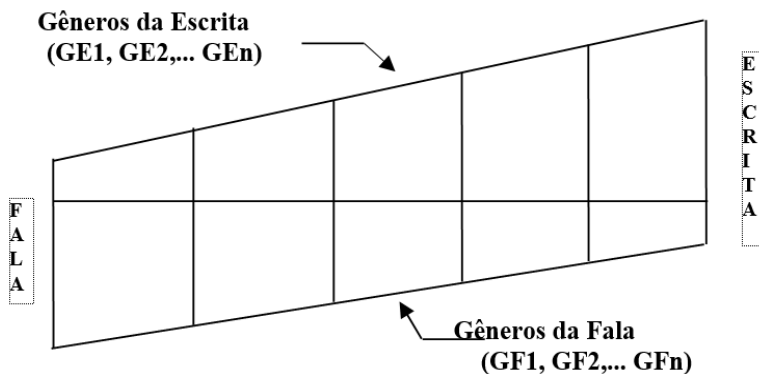


Gráfico 1. Fala e escritas no contínuo dos gêneros textuais. (MARCUSCHI, 2001, p. 38)

Há particularidades que, de fato, constituem elementos exclusivos da linguagem oral, como por exemplo: a gesticulação, a fluidez das ideias expostas, a velocidade da produção, o controle da comunicação por parte do falante, a cooperação mútua dos participantes da comunicação (o que gera a simplicidade sintática), um vocabulário limitado e de natureza coloquial, repetição de termos, períodos simples e, não raro, fragmentados ou truncados e maior envolvimento e menor distanciamento.

Também a escrita apresenta as suas particularidades de outras ordens, como por exemplo: a correção gramatical, sob a qual estão a objetividade, a clareza e a concisão, uma relativa falta do controle do sistema de recepção, controle do tempo de produção, um rigor no planejamento, períodos complexos normalmente de bom tamanho, sendo os longos bem estruturados, um vocabulário variado e essencialmente conservador e dependente do grau do nível de formalismo, a ocorrência de declarações passivas e menor envolvimento e maior distanciamento.

Quanto à questão do envolvimento e distanciamento, que são determinados pelo contexto, corroboramos a ideia de Wallace Chafe (1987), que afirma que tais traços não caracterizam necessariamente a fala ou a escrita. Acreditamos que é, na fala, que se manifesta com maior frequência o traço envolvimento, do falante com a sua audiência (muito comum) ou consigo mesmo (não menos comum) ou com o que se está falando (também comum).

Assim, são a fala e a escrita dois modos bem diferentes de o usuário representar as suas experiências, o que bem observaram Wallace Chafe e Deborah Tannen acerca da criação de diferentes tipos de linguagem, que as diferentes condições de produção e os usos de diferentes intenções propiciam (Cf. CHAFE; TANNEN, *op. cit.*, p. 390). E é num contínuo tipológico que os produtos da fala e os da escrita devem ser comparados.

4. O contínuo tipológico, segundo Marcuschi

Reafirmamos a ideia de que há mais semelhanças entre a linguagem oral e a linguagem escrita do que diferenças, não só porque oralidade e escrita são dois fenômenos inerentes ao ser humano, mas, sobretudo, porque são duas práticas sociais de um mesmo sistema linguístico, que é a própria língua. Tais práticas discursivas possuem suas características particulares, não se pode negar, mas também não se pode negar que há muitos elementos comuns entre elas.

Comparar uma conversa informal entre amigos – protótipo da fala – e um artigo acadêmico – protótipo da escrita –, apenas porque ambas são modalidades discursivas da língua é comparar os dois pólos extremos e opostos de uma linha reta. Ou seja, cometer-se-ia um grande equívoco, porquanto as linguagens oral e escrita não ocupam as extremidades de uma linha reta; não são dicotômicas: "as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos". (MARCUSCHI, *op. cit.*, p. 37)

Contudo, se a comparação se der entre textos de mesmo gênero, num *continuum* tipológico, como o fez Luiz Antônio Marcuschi (*Op. cit.*), constatar-se-iam muitas semelhanças entre as duas linguagens.

A noção de um contínuo entre os vários tipos de textos também foi considerada por Deborah Tannen (1985), quando observou o envolvimento interpessoal como um dos traços importantes na comparação entre as modalidades.

Muitos outros estudiosos consideraram um contínuo em que se situam os diversos tipos de textos. Wallace Chafe (1982, 1985 e 1987) o fez, levando em consideração um envolvimento maior ou menor dos interlocutores; Halliday (1987 e 1989), discutindo a complexidade estrutural das modalidades; Ochs (1987), descrevendo estratégias de planejamento das modalidades; Britton (1975), demonstrando que as diferenças dos gêneros se fundam nas suas condições de produção; Douglas Biber (1988), descrevendo as dimensões significativas de variação linguística, a relação entre os gêneros e o *continuum* tipológicos nos usos da língua; e outros.

Também Koch (1997, p. 32) observou a relação entre textos escritos (bilhete, carta familiar, textos de humor, por exemplo) e textos falados (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros) e constatou a existência de outros tipos mistos e muitos outros intermediários.

Luiz Antônio Marcuschi (*Op. cit.*), aproveitando a noção de “*continuum* tipológico”, que foi sugerido por Douglas Biber (*Op. cit.*), e evitando comparações dicotômicas entre textos prototípicos de cada modalidade, demonstrou que nem todas as caracterizações linguísticas ou situacionais da fala ou da escrita se efetivam em todos os gêneros orais ou escritos. No *continuum* tipológico, entre os gêneros orais e escritos, ressaltam-se as semelhanças das produções, tais como: conferência–artigo

científico, conversa entre amigos—carta familiar, inquéritos—formulários, e as diferenças das produções, como: bate-papos—artigos acadêmico, seminários—bilhetes, discursos festivos—discursos oficiais. Também são flagrantes as diferenças entre produções de uma mesma modalidade, tais como: inscrições em parede—textos acadêmicos (da escrita) ou conversas telefônicas—exposições acadêmicas (da oralidade).

Portanto, não se pode conceber a linguagem escrita totalmente imune a influências da linguagem oral, apesar de terem elas as suas propriedades particulares. De fato, o que determina as suas diferenças são as diferentes condições de produção, cujo grau de autonomia é determinado por uma dependência contextual (Cf. KATO, 1987, p. 39).

Retomando a hipótese do *continuum* tipológico, Luiz Antônio Marcuschi descreve com mais propriedade o que venha a ser o referido contínuo, desenvolvendo um gráfico, em que são dispostos os tipos de forma clarividente.

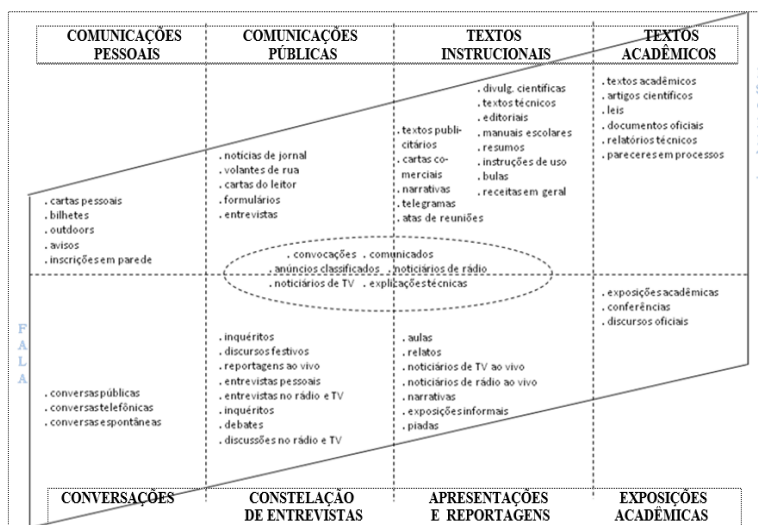


Gráfico 1. Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita. (Cf. MARCUSCHI, 2001, p. 43)

Veem-se, neste gráfico, os dois domínios linguísticos: a fala e a escrita, dispostos em paralelo e em sentidos opostos. Em cada um dos domínios, os diversos gêneros tipológicos são dispostos num contínuo, que parte do protótipo para o mais afastado dele. Assim, a conversação é

o protótipo da fala e o mais afastado é a exposição acadêmica, ao passo que o artigo acadêmico é o protótipo da escrita e as inscrições em parede é o mais afastado. Cada linha vertical representa um ténue limite (que por não ser rígido, representa-se com uma linha pontilhada) de cada gênero textual.

Veem-se, entre os dois há muitas outras produções de ambos os domínios discursivos e em condições naturais e espontâneas das duas modalidades. Numa análise comparativa de tais produtos, seriam constatadas menos diferenças entre a fala e a escrita.

Luiz Antônio Marcuschi procura esclarecer a ideia das relações mistas dos gêneros a partir da noção do meio e da concepção das modalidades. A noção de concepção das modalidades se refere à forma como tal produto se dá – se escrita ou oral –; e a noção de meio, à condição da produção – se gráfica ou sonora.

O autor apresenta o gráfico abaixo para melhor esclarecer tais noções:

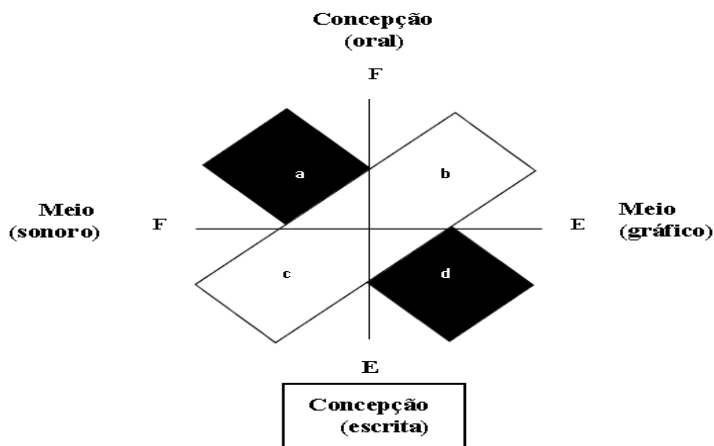


Gráfico 2. Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva. (MARCUSCHI, 2001, p. 39)

Considerando as oposições sonoro X gráfico, como meios de produção e oral X escrito, como concepção discursiva, Luiz Antônio Marcuschi situa no domínio tipicamente oral a produção “a” e no domínio tipicamente escrito a produção “d”. Está claro que “a” e “d” se opõem,

pois representam gêneros distintos (“a” é sonoro e oral, ao contrário de “d”, que é gráfico e escrito).

As produções “b” e “c” situam-se no domínio misto, pois se misturam as modalidades (“b” é gráfico e oral e “c” é sonoro e escrito).

Para que a descrição se torne mais clara, a autor toma como exemplos os seguintes gêneros: conversação espontânea, artigo científico, notícia de TV e entrevista publicada na revista *Veja* e os distribui, considerando as variáveis do Gráfico 2. Confira.

Gêneros textuais	Meio de produção		Concepção discursiva		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Conversação espontânea	X		X		A
Artigo científico		X		X	D
Notícia de TV	X			X	C
Entrevista publicada na <i>Veja</i>		X	X		B

Quadro 1. Distribuição de quatro gêneros textuais de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva. (MARCUSCHI, 201, p. 40)

Analisando os dados do Quadro 1, fica claro que:

- A produção do domínio “a” – conversação espontânea – é protótipo da oralidade por ser um texto tipicamente oral, visto que é sonoro e oral;
- A produção do domínio “b” – entrevista publicada na revista *Veja* – não é um protótipo nem da escrita nem da oralidade por ser um texto misto, já que é gráfico apesar de oral;
- A produção do domínio “c” – notícia de TV – também não é um protótipo, é misto, uma vez que é sonoro apesar de escrito;
- A produção do domínio “d” – artigo científico – é protótipo da escrita, uma vez que é um texto tipicamente escrito, pois é gráfico e escrito.

5. *Considerações finais*

Neste artigo, corroboramos a linha de pensamento de Luiz Antônio Marcuschi (*Op. cit.*), a partir da qual oralidade e escrita são consideradas duas práticas sociais, que têm suas características particulares, mas que não se opõem, sobre ser duas simples modalidades da língua. Logo, não são propriamente diferentes, porquanto são produtos de um mesmo sistema linguístico: a língua.

Compreendemos que a escrita desempenha um importante papel nas sociedades modernas, mas nós continuamos usando de forma intensa a fala, que também tem a sua grande importância entre nós.

Discutimos o fato de muitos autores terem-se equivocado quando compararam a oralidade e a escrita, fazendo confusão entre uma das formas de textualização da fala (a conversação) com modalidade oral em si e entre uma das formas da escrita (textos acadêmicos) com a modalidade escrita. Comprovamos que tais formas de contextualização constituem cada uma os protótipos da fala e da escrita e que a comparação entre os protótipos não é conveniente, posto que só evidenciam diferenças. E tais diferenças entre oralidade e escrita se fundam no processo de produção de seus textos, que justificam as suas diferentes naturezas.

Porém, quando se parte de um componente de ordem funcional na análise da relação oralidade/escrita enquanto modalidades de uso da língua, pois é no uso que a língua se efetiva, tanto na fala, quanto na escrita, o quadro que se molda é outro. No uso da língua, determinam-se sentidos e formas de produção discursivas diversas, que se afastam do respectivo produto prototípico. E quando tais produtos são dispostos num contínuo em cada um dos dois domínios: a fala e a escrita, também dispostos em paralelo e em sentidos opostos, aquelas diferenças deixam de ser sentidas.

Logo, qualquer estudo que se propõe determinar diferenças e semelhanças entre a oralidade e a escrita deve fazê-lo a partir do uso da língua, observando o contínuo de variações da fala e da escrita.

Assim, esperamos ter demonstrado que a noção do *continuum* tipológico, tal como foi proposto por Luiz Antônio Marcuschi, constitui um verdadeiro legado para os estudos sobre linguagem, mormente sobre oralidade e escrita e suas particularidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. “A Correção idiomática e o conceito de exemplaridade”. In: José C. Azeredo (Org.). *Língua em debate: conhecimento e ensino*, Petrópolis: Vozes, 2000. p. 11-8.

BOTELHO, José Mario. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Judiai–SP: Paco, 2012.

_____. “Entre a oralidade e a escrita, um contínuo tipológico”. In: *Cadernos do VIII CNLF*, Ano VIII, n. 07, 2004. p. 57-69.

_____. *A Influência da oralidade sobre a escrita*. Monografia Inédita (Curso de Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

_____. “A natureza das modalidades oral e escrita”. In: *Cadernos do IX CNLF*, Filologia, Linguística e Ensino, Tomo 2, Vol. IX, n. 03, Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2005. p. 30-42.

_____. “O isomorfismo entre as modalidades da língua”. In: *Cadernos do VII CNLF*, Ano VII, n. 7, Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2003, p. 157-77.

BIBER, Douglas. *Spoken and written textual dimensions in English: resolving contradictory findings*. Language, 1986.

_____. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BRITTON, James et al. *The development of writing abilities*. London: McMillan, 1975.

BROWN, Gillian. “Teaching the spoken language”. In: *Association Internationale de Linguistic Appliquée*. Brussel, Proceedings II: Lecture, 1981, p. 166-82.

CHAFE, Wallace; DANIELEWICZ, Jane. “Properties of speaking and written language”. In: HOROWITZ, Rosalind; SAMUELS, S. Jay (Eds.). *Comprehending Oral and Written Language*. New York: Academic Press, 1987. p. 83-113.

CHAFE, Wallace. “Integration and involvement in speaking, writing and oral literature”. In: TANNEN, Deborah. (Org.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood: NJ: Ablex, 1982b. p. 35-53.

FÁVERO, Leonor Lopes *et al.* *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. "Spoken and written modes of meaning". In: HOROWITZ, Rosalind; SAMUELS, S. Jay. (Eds.). *Comprehending oral and written language*. New York: Academic Press, 1987.

_____. *Spoken and written language*. New York: Oxford University Press, 1989, p. 76-101.

KATO, Mary Aizawa. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KOCH, Ingedore Ggrunfeld Vilaça. Interferência da oralidade na aquisição da escrita. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 30, Campinas: Editora da UNICAMP, 1997(a). p. 31-8.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

TANNEN, Deborah. "The oral/literate continuum in discourse". In: _____. (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, NJ: Ablex, 1982.

_____. Relative focus on involvement in oral And written discourse. In: Olson, David R.; TORRANCE, Nanci; HILDYARD, Angela. (Eds.). *Literacy, language and learning. The nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.